

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Unicentro-Guarapuava, Campus Santa Cruz

C122 Caderno de experiências: práticas pedagógicas em escolas do campo, da realidade à formação crítica e auto-organização dos estudantes / Organizado por Marlene Lúcia Siebert Sapelli e Marcos Gehrke.– Guarapuava: Unicentro, 2017.– (Caderno de Educação do Campo, 1). 199 p.

Bibliografia
ISSN 2527 0788

1. Educação. 2. Educação do Campo. 3. Escolas. 4. Sapelli, Marlene Lúcia Siebert. 5. Gehrke, Marcos. I. Título.

CDD 20. ed. 370.19346

**COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO PROFESSORA MARIA DE JESUS
PACHECO GUIMARÃES: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS QUE BUSCAM O
DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR**

Márcia Struz Araujo; Luiz Alberto Ogibowski; Ademir Rempel; Maria Roseli Amâncio; Heloíse de Almeida Lima; Elisabete Odila S. Portela; Zeneide Gornaski Ribeiro; Simone Leadino; Marta Wolf Matoso; Patrícia Gonçalves de Oliveira; Guiomar Dubiela Luy; Pablo Auda; José Renato Batista; Eloá Vieira dos Santos; Floriano Miguel Domaradzski; Rosilene Spinola; Josineia Tuchinski; Cleide Maria Senger; Mirela Ramos Moimaz; Lenir Helena Osrzechowski de Oliveira, Luiz Gustavo Cezar e Luiza Cezar

CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

O Colégio Estadual do Campo Professora Maria de Jesus Pacheco Guimarães está localizado a 25 Km do centro de Guarapuava, no distrito de Guará e atende a 25% dos educandos residentes na sede do Distrito e 75%, dispersos por 643 km² próximo à sede. A comunidade escolar atendida pelo Colégio, na sua grande maioria, é de baixo poder aquisitivo, com renda mensal familiar de até um salário mínimo e tem como principal fonte de renda os subsídios federais, como os programas: bolsa família, leite das crianças, vale gás. A fonte de renda também muito importante e influente é a aposentadoria. Grande parte dos estudantes é composta por filhos de agricultores assentados, proprietários de pequenas e médias propriedades rurais, agricultores de acampamentos do MST, que sobrevivem de atividades extrativistas como pinhão, erva mate, lenha para venda ou produção de carvão, trabalho eventual (boia fria) na colheita de alho, inclusive, plantado em terras arrendadas, de lotes de assentamentos da Reforma Agrária. O restante dos educandos é composto por filhos de comerciantes e funcionários públicos moradores do Distrito. Pela falta de trabalho, muitos estudantes, ao concluírem o ensino médio, mudam para os grandes centros, pois as possibilidades de emprego são maiores. A maioria dos educandos é proveniente de cinco assentamentos (13 de Novembro, Maria Inês Ribas, Europa, José Dias e Bananas), e de dois acampamentos (20 Novembro/Aroeira, Papuã), além de povoados localizados, em média, a 12 km de distância da sede (Alto da Serra, Boa Esperança, Rio

das Pedras, Rio das Mortes, Monte Alvão, Faxinal dos Elias, Colônia dos Vitos e Chimarrão 81) (PARANÁ, 2016).

O estabelecimento oferece Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano, nos períodos matutino e vespertino, e 9º ano noturno; Ensino Médio nos períodos matutino e noturno, com 476 educandos, distribuídos em 19 turmas regulares; três Salas de Apoio (português e matemática para os 6º e 7º anos, sendo duas no período da manhã, e uma no período da tarde) para atender os estudantes em contra turno, uma Sala de Recurso no período da tarde.

A escola foi fundada no ano de 1951, com o nome de Escola Isolada de Guará, em um terreno de 3.564 m², doado pela Sra. Sofia Horst. Era uma sala de aula com 40 estudantes de diferentes idades, na modalidade multisseriada, com aulas ministradas pela professora Maria de Jesus Pacheco Guimarães. Depois, sua denominação passou a ser Escola Rural, Escola Municipal Martins Pena e posteriormente Escola Municipal Sofia Horst.

Em 1996, o ensino de 5ª a 8ª série foi estadualizado e, embora funcionando em dualidade administrativa com a escola Sofia Horst, criou-se a Escola Estadual Professora Maria de Jesus Pacheco Guimarães, nominada assim para homenagear a primeira professora do Distrito do Guará. A escola existia de fato, mas não de direito, pois os documentos eram validados pelo Colégio Estadual Ana Vanda Bassara; até o seu reconhecimento pela SEED/PR (PARANÁ, 2016).

Depois da conclusão de várias turmas de Ensino Fundamental, foi constatado que poucos educandos continuavam seus estudos, indicando a necessidade de implantação do Ensino Médio, cujo processo teve início em 2001, com extrema dificuldade, pois era preciso reconhecer o Ensino Fundamental e esse reconhecimento exigia condições que a escola não tinha, como: laboratórios, professores lotados no estabelecimento e habilitados, equipamentos de segurança e uma série de documentos que ainda não existiam por ser uma escola recente.

A parte documental foi providenciada e, depois de uma argumentação legitimada por evidências concretas, como a dificuldade dos educandos de se deslocarem até a cidade para continuar o Ensino Médio, e o índice de abandono após o Ensino Fundamental, a então Chefe do NRE de Guarapuava e membro do Conselho Estadual de Educação, Rosi Kaminski, aceitou a

reivindicação, e, pelo parecer nº 3106/02 de 10 de outubro de 2002, foi reconhecido o Ensino Fundamental. Ainda, em 29 de novembro de 2002, o Diretor Geral da SEED, pela resolução 4724/2002, autorizou o funcionamento do Ensino Médio, iniciando no ano de 2003, mudando a nomenclatura para Colégio Estadual Professora Maria de Jesus Pacheco Guimarães - Ensino Fundamental e Médio (PARANÁ, 2016).

Ainda em 2001, juntamente com o desenrolar dos processos do reconhecimento do Ensino Fundamental e implantação do Ensino Médio, começou a luta pela melhoria da estrutura física da Escola. Analisando dados de matrículas, era possível constatar que o número de educandos estava aumentando e que o espaço que tínhamos disponível, em pouco tempo, seria insuficiente. O primeiro passo foi solicitar à Prefeitura Municipal de Guarapuava a doação de um terreno no qual pudesse ser construído o novo prédio, para abrigar o Colégio Estadual Professora Maria de Jesus Pacheco Guimarães.

O terreno foi doado e a obra foi autorizada pelo Governo do Estado, no início de 2004, iniciando a construção em agosto do mesmo ano, em parceria com a Prefeitura Municipal, que tinha a incumbência de fazer o processo de pagamento da empreiteira, com repasses do Governo do Estado do Paraná. Em 2005, a administração municipal mudou e com ela, as atenções para a relação campo-cidade e também o relacionamento político-administrativo com o Governo do Estado além de que, naquele momento, a prefeitura municipal encontrava-se impossibilitada legalmente de receber verbas de qualquer esfera, por falta das certidões negativas. Devido a isso, o Governo do Estado não conseguia repassar os valores necessários para a continuação da obra.

Assim, a obra da construção do prédio próprio, que iniciou em agosto de 2004, só terminou em janeiro de 2007. Nesse período, a escola funcionou em vários ambientes como: nas salas da Escola Sofia Horst, no salão comunitário da Capela Imaculada Conceição, na quadra de esportes e, no último semestre de 2006, em um barracão locado.

Em 2009, teve início o processo de debate sobre a Educação do Campo, o que levou os educadores a pensarem a identidade da escola como do campo, definida pelas questões inerentes à sua realidade, ancoradas na temporalidade e saberes próprios dos estudantes.

A última alteração da nomenclatura ocorreu em 17/11/11, pela Resolução nº 5061/11, que relata: “Art. 1º Alterar, a pedido, a denominação do Colégio Estadual Professora Maria de Jesus Pacheco Guimarães – Ensino Fundamental e Médio (...) Para: Colégio Estadual do Campo Professora Maria de Jesus Pacheco Guimarães – Ensino Fundamental e Médio, a partir do início do ano de 2011”.

A inclusão do termo “do Campo” à nomenclatura do colégio foi relevante para comunidade escolar repensar suas práticas pedagógicas, o que levou a direção, a coordenação pedagógica e professores da escola a buscarem novos conhecimentos para corresponder à necessidade da formação integral do educando do campo, sendo a práxis, condição para ação revolucionária a fim de que os sujeitos possam pensar o sentido de suas atividades, a sua organização política e ações conjuntas na luta contra opressão.

DESCRIÇÃO DO PROCESSO

No ano de 2007, foi iniciada uma parceria com o Departamento de Educação Física da UFPR, com professores e acadêmicos que, durante 2 anos, realizaram atividades pedagógicas junto à escola com educandos e professores, assentamentos e acampamentos do MST; encerrando no final de 2010, no Departamento de Educação Física da UFPR com a participação de professores, coordenação pedagógica, direção e representantes do MST, dando início às discussões sobre educação do e no campo, partindo do princípio que os sujeitos do campo têm direito a uma educação pensada, desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e as suas necessidades humanas e sociais.

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na sua temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de Ciência e Tecnologia disponível na Sociedade e nos Movimentos Sociais, em defesa de projetos que associem as soluções por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (BRASIL, 2002, p. 37).

Após o encerramento do projeto, as discussões ficaram no âmbito interno do Colégio, sem dar um aprofundamento às questões pedagógicas importantes como o currículo e o planejamento.

Em parceria com o Laboratório de Educação do Campo da UNICENTRO, em meados de 2012, foi pensada a possibilidade de realizar o I Seminário Regional da Educação do Campo no Colégio. Várias reuniões foram feitas reunindo outras parcerias com as instituições: REDE PUXIRÃO, APEC, CEMPO, OUTRO OLHAR, MST, ASSENTAMENTO BANANAS e NRE. O Seminário ocorreu em 25 de outubro de 2012, nas dependências do Colégio, e estiveram reunidos em torno de 300 participantes, entre educadores e educadoras da Educação Básica e do Ensino Superior, dirigentes e lideranças de vinte e quatro municípios da região, representando movimentos sociais; sindicatos de trabalhadores rurais; povos tradicionais, entre eles, indígenas, quilombolas, faxinalenses e instituições ligadas a trabalhadores do campo para refletir, discutir e posicionar-se a respeito da realidade do campo e dos processos educativos inerentes a este processo. Os participantes ratificaram o Manifesto do Fórum Nacional de Educação do Campo (2012) e apresentaram vinte e quatro proposições na Carta da Articulação Regional de Guarapuava de Educação do Campo (criada no evento); acreditando que é nossa obrigação como classe trabalhadora do campo, educadores, pesquisadores, estudantes e integrantes de instituições/movimentos sociais e sindicatos da classe trabalhadora, posicionarmo-nos diante da situação, para que não tenhamos a médio e longo prazo a exclusão dos povos do campo dos processos educativos ou a precarização ainda maior dos mesmos. A equipe do Colégio atuou na coordenação do evento que teve impacto importante na proposta do mesmo.

O caráter político do movimento “Por uma educação do campo” se configura pela construção de um processo de transformação da realidade social que envolve o campo, a partir de uma educação disseminada por professores que estejam comprometidos e compromissados com a formação integral dos sujeitos que a constituem. Com base no exposto, se reforçou a necessidade de um aprofundamento pedagógico. Então, no início de 2013, começamos o trabalho prático de reorganização do planejamento, tendo como orientadora a Professora Marlene Lucia Siebert Sapelli, do Laboratório de

Educação do Campo, da Unicentro. A reestruturação, não desvincula as disciplinas nem os conteúdos presentes nas Diretrizes Curriculares Estaduais/SEED; o que dá significado aos conteúdos parte da realidade dos estudantes contextualizando fatos, acontecimentos e vivências significativas.

O projeto foi iniciado com a construção de um inventário, cujo objetivo era conhecer e caracterizar a realidade do entorno do Colégio. Durante a semana pedagógica de fevereiro de 2013, a equipe de dois Colégios do Campo de Guarapuava (Maria de Jesus e Palmeirinha), participaram na Unicentro do desenvolvimento da proposta de trabalho, que teve como ponto de partida o inventário da realidade do entorno do Colégio, que contribuiu para definir as porções da realidade a serem trabalhadas nos conteúdos específicos de cada disciplina e determinar ações pedagógicas.

Este inventário foi construído, partindo do profundo conhecimento do diretor do Colégio, professor Luiz Alberto Ogibowski, morador da comunidade e por meio de pesquisas feitas pelos professores e estudantes, junto à comunidade.

A partir do inventário, podemos conhecer melhor as comunidades nas quais residem nossos estudantes e levantar as características que seguem:

Origem das famílias

O distrito possui a incidência de famílias europeias, como alemães, poloneses (estes, proprietários de grandes extensões de terras, adquiridas provavelmente no início do século XX) e oriundas de várias regiões do Paraná e do Brasil, brasiguaios, e muitos oriundos de vários acampamentos da Reforma Agrária, como Candói, Rio Bonito do Iguaçu, Laranjeiras do Sul, Prudentópolis, Norte do Paraná, Cascavel e Foz do Iguaçu, além de que alguns assentamentos possuem pessoas que trabalharam nas empresas das quais originaram esses assentamentos. A presença de negros é muito pequena e de comunidades indígenas é inexistente.

Pautas e lutas sociais

A luta pela terra é uma luta social desde 1999, quando iniciaram os primeiros assentamentos; outra pauta é a constante reivindicação da melhoria das estradas e dos serviços públicos, como saúde e educação; a organização recente de pequenas cooperativas e associações de produtores, principalmente agroecológicas. Em 1995, o Distrito empreendeu esforços pela emancipação administrativa, que não foi adiante pelos impedimentos políticos.

Contradições e problemáticas da comunidade

Há discriminação entre as famílias tradicionais e os assentados. Os habitantes da sede do distrito possuem uma restrição quanto aos moradores de assentamentos e acampamentos; os assentados e acampados não possuem ou não mantêm a identidade quanto aos ideais do Movimento (MST); até mesmo os assentados discriminam os que ainda estão em processo de assentamento; há falta de oportunidades de trabalho, principalmente para os mais jovens, no campo ou no quadro urbano; há falta de atendimento à saúde; oportunidades de lazer são inexistentes para todas as idades; a infraestrutura de acesso à educação (estradas e transporte escolar) não é adequada. Há falta de organização do próprio movimento (MST), que não participa das reuniões na escola ou comunitária; há divisão histórica da comunidade determinada por grupos políticos e a distorção de fatos que coloca uma liderança contra a outra, provocando disputa de poder; há venda e arrendamento de lotes da Reforma Agrária para a instalação de chácaras de luxo e a omissão do INCRA em relação a isso; custo de produção alto e preço de venda dos produtos das pequenas propriedades muito baixo; falta de cursos técnicos e difícil acesso dos moradores do campo à universidade, falta de motivação e segurança diante do futuro; e casamento precoce principalmente para as meninas. Os professores, em sua maioria, não residem na comunidade, o que determina a difícil compreensão da realidade e dos problemas da mesma.

Cultura local /costumes

Há festas da Igreja católica. Existe uma mescla de culturas e, por isso, nenhuma se evidencia, as famílias tradicionais que estão aqui não trouxeram ou não cultivaram festas ou costumes. As famílias se reúnem em bailes esporádicos, jogos de futebol e baralho (truco), os homens se reúnem em bares, o quadro urbano possui oito bares, inclusive o consumo de bebidas tem trazido vários problemas de violência para as famílias. Essa realidade também se reflete no campo, com a incidência de bares e locais de venda de bebidas alcoólicas.

Trabalho existente no entorno da escola e no Distrito

No entorno da escola, se localiza uma ocupação irregular de terreno há mais de 40 anos, produção de frutas, potreiro de criação de animais e pelo outro lado existe a urbanização. O trabalho se limita a trabalhadores eventuais na construção civil, nas lanchonetes e no posto de gasolina, funcionários públicos (escolas e posto de saúde), alguns motoristas e um grande número de trabalhadores em serrarias e afins. No Distrito, o trabalho rural, assalariado ou não, é bastante evidente nas atividades de agricultura e pecuária, plantio de espécies silviculturais, como pinus e eucalipto, até mesmo em áreas de preservação (APA da Serra da Esperança) e uma grande incidência de lotes da Reforma Agrária arrendados para o plantio de soja, milho e outros produtos do agronegócio.

Nos dois acampamentos, localizados em áreas não regularizadas (APA), a situação das famílias é precária, os lotes não possuem luz nem água, muitas vezes o ponto de energia elétrica passa muito perto, mas os recursos próprios ou a falta de documentação da terra não permitem a instalação. São distantes da sede do distrito e da cidade, não possuem sistema de transporte público e muitas vezes usam o transporte escolar como carona.

Agências Formativas

Existem pequenas cooperativas de produtores rurais agroecológicas, igrejas, órgãos públicos como, prefeitura municipal, governo do estado e

governo federal, escola municipal, Universidade Estadual (Unicentro). Acontecem reuniões de cooperativas e associações de agroecologia; encontro com grupos de jovens do acampamento Papuã; reuniões da Brigada Cacique Guairacá; nas igrejas há grupo litúrgico, culto, catequese, missões populares; também existem clubes de mães, nos quais as mulheres das comunidades se reúnem para aprender e produzir peças de artesanato que são vendidas em bazares nas comunidades; há partidos políticos; há cursos esporádicos oferecidos pela prefeitura em algumas comunidades.

Auto-organização

Existem na escola Conselho Escolar; Conselho de Classe; APMF (Associação de Pais, mestres e funcionários); professores representantes de turma; Núcleos Setoriais.

Quem são os educandos

A faixa etária varia de 10 a 20 anos e há um índice considerável de educandos fora da idade/série, devido ao grande número de desistências dos educandos, decorrentes de mudanças constantes das famílias, que ocorrem por falta de oportunidades de trabalho. Os educandos do campo ajudam nas tarefas da casa, as meninas nas tarefas domésticas e da roça, além de trabalhar de diaristas na colheita do alho, e os meninos, na roça e nas atividades extrativistas, como o pinhão e nas empresas que exploram madeira.

O número de famílias que possuem filhos matriculados no Colégio é aproximadamente 350 famílias, para um total de aproximadamente 476 estudantes.

Quanto à participação dos educandos, podemos destacar alguns aspectos, sendo eles: o aspecto da participação nas aulas, temos uma realidade em que a maioria está interessada e dedicada; no aspecto da participação em discussões e debates sobre a sua situação e sua realidade, promovidos pela escola, podemos dizer que é muito restrita, mas quando despertada pelos professores traz bons resultados, quer dizer, isso não ocorre por iniciativa própria, mas sim e tão somente, por incentivo do professor.

Quanto à participação dos educandos nas lutas da sua comunidade, não vemos qualquer manifestação ou iniciativa dos mesmos em lutas e debates. Existe uma forte manifestação de negação entre a realidade do sujeito e os princípios do movimento (MST), no caso de assentados e acampados e, por parte dos demais, um forte indício de preconceito. A participação da comunidade escolar acontece de forma aceitável nos segmentos da APMF e/ou Conselho Escolar, no entanto, a participação dos pais em reuniões é mais efetiva quando o transporte escolar pode ser usado para essa finalidade, ou seja, os pais são extremamente dependentes do funcionamento do transporte escolar para se fazerem presentes na escola.

O lazer resume-se em encontros principalmente na escola, fora isso, saem do campo e migram para a cidade para frequentar danceteria, barzinho, shows e eventos. A grande maioria dos educandos tem acesso a redes sociais.

Influências Externas

Algumas questões externas perpassam o cotidiano escolar, que inclui a produção agrícola, como plantação de alho, hortifruticultura, criação de gado leiteiro, produção de queijos, embutidos; produção de pinus e eucalipto. Há influência dos meios de comunicação - televisão, rádio, internet; há influência da vida urbana, música, dança, cultura de massa, professores da cidade; igreja católica e evangélica (a influência mais forte é da Igreja Assembleia de Deus). Há influência das Universidades – Unicentro e particulares.

Fontes educativas no entorno

A escola está inserida dentro de uma área de preservação ambiental permanente (APA da Serra da Esperança), na bacia do Rio das Pedras; local de produção de conhecimento, em que os educandos são colocados como sujeitos da história, na busca de estratégias para ajudar a resolver problemas que envolvem a preservação das nascentes do Rio das Pedras, por meio de projetos desenvolvidos em parceria com a Unicentro.

Inventário dos Conteúdos

As referências que norteiam e organizam o trabalho educativo são as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná e da Educação do Campo.

Os conteúdos disciplinares apresentam enfoque específico da área; planejados de forma metódica e generalizada, não fazendo distinção entre o conteúdo e o método urbano/campo. A mantenedora – SEED/PR - permite pouco tempo para reuniões, planejamento, avaliações e questionamentos, pois o calendário oficial nos permite somente duas reuniões pedagógicas por ano, que são insuficientes para a finalidade proposta.

O tempo de aula está organizado em horas-aula, sendo 5 aulas diárias de 50 minutos cada.

O Plano de Trabalho Docente era apresentado e organizado no início do ano, mudando somente a data e o nome do Colégio, pois a maioria era apenas cópia de planejamentos de escolas urbanas. A Proposta político pedagógica seguia os moldes gerais orientados para todas as escolas, sem a especificidade do campo.

Após a coleta de dados foi construído um quadro síntese sobre as principais questões presentes nas comunidades nas quais estavam inseridos os estudantes.

Quadro 1 – Síntese do Inventário da realidade

Organização	Trabalho e renda	Cultura e Lazer	Propriedade
MST COOPERATIVAS DE PRODUTOS AGROECOLÓGICOS ASSOCIAÇÃO DE MORADORES CLUBE DE MÃES PASTORAIS (FAMÍLIA E CRIANÇA) IGREJAS (CATÓLICA, DEUS É AMOR, ASSEMBLÉIA DE DEUS E PRESBITERIANA) APMF/ CONSELHO ESCOLAR/ CONSELHO DE REPRESENTANTES.	PRODUÇÃO DE FRUTAS CRIAÇÃO DE ANIMAIS (PRODUÇÃO LEITEIRA) COMÉRCIO CONSTRUÇÃO CIVIL INDÚSTRIA AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA EXTRATIVISMO BOIA FRIA – DIARISTAS FUNCIONÁRIO PÚBLICO (ESCOLA E POSTO DE SAÚDE) AUTÔNOMOS OUTROS ASSALARIADOS (APOSENTADOS TRANSPORTE ESCOLAR E OUTROS) BENEFICIÁRIOS	FESTAS DAS IGREJAS/ BAILES NOS SALÕES DE IGREJA. JOGOS. FESTAS DAS ESCOLAS. JOGOS DE FUTEBOL	GRANDES PROPRIEDADES COM PLANTIO DE PINUS, EUCALIPTO E PRODUTOS DO AGRONEGÓCIO. ASSENTAMENTOS, ACAMPAMENTOS E PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS. ARRENDATÁRIOS
Lutas	Problemas	Fontes educativas	POPULAÇÃO
REFORMA AGRÁRIA. EMANCIPAÇÃO POLÍTICA. EDUCAÇÃO DO CAMPO DE QUALIDADE. INTERNET NA ESCOLA. MELHORIA DA INFRA ESTRUTURA DE ESTRADAS	DESMATAMENTO EM ÁREA DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL. PLANTAÇÃO EM LARGA ESCALA DE PINUS E EUCALIPTO. ESTRADAS RURAIS SAÚDE TRANSPORTE ESCOLAR E	MEIO FÍSICO (TRAJETO DOS ALUNOS PARA CHEGAR À ESCOLA) RECURSOS NATURAIS (FAUNA E FLORA) ASSOCIAÇÃO AGROECOLÓGICA	MAIORIA FORMADA POR TRABALHADORES (URBANOS E RURAIS) E COM BAIXA ESCOLARIDADE. POSSUI ALGUMAS FAMÍLIAS DE

E SERVIÇOS PÚBLICOS DE QUALIDADE. RECONHECIMENTO DAS ASSOCIAÇÕES DE PRODUTORES AGROECOLÓGICOS	COLETIVO SERVIÇOS PÚBLICOS. FALTA DE REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA. PRECARIEDADE DOS ASSENTAMENTOS (LUZ, ÁGUA, ESGOTO, COLETA DE LIXO). ALCOOLISMO. DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS SANEAMENTO BÁSICO NA SEDE. DESEMPREGO OU SUB REMUNERAÇÃO. ACESSO A TODOS OS NÍVEIS DE ENSINO (CURSOS TÉCNICOS E TRANSPORTE PARA A UNIVERSIDADE. DISPUTAS POLÍTICAS	BIBLIOTECA DO ASSENTAMENTO. RIOS. INDÚSTRIAS COMÉRCIO ASSENTADOS ACAMPADOS MORADORES ANTIGOS IGREJAS	IMIGRANTES, MAS A MAIORIA ABSOLUTA CABOCLOS
--	---	---	---

Fonte: Arquivo da escola

Fundamentos para Proposta Pedagógica

Para se atingir o objetivo de uma redefinição do planejamento, que pretende atender as reais necessidades dos sujeitos do campo, é necessário considerar que o universo da população do campo é muito diversificado, e cada espaço apresenta características que compõem uma identidade única. Assim, é dever da escola ter esse aspecto muito claro ao planejar que ensino se quer e que sujeito pretende formar.

Nesse sentido, Mészáros (2007, p.212) destaca que a escola deve incentivar a prática pedagógica fundamentada em diferentes metodologias, valorizando concepções de ensino, de aprendizagem e de avaliação que permitam aos professores e estudantes conscientizarem-se da necessidade de "... uma transformação emancipadora. É desse modo que uma contra consciência, estrategicamente concebida como alternativa necessária à internalização dominada colonialmente, poderia realizar sua grandiosa missão educativa".

O planejamento precisa ter como referência os aspectos de vida do educando, articulando o trabalho pedagógico e as bases científicas, que devem ser apropriadas pelos estudantes e suas comunidades, contribuindo assim, para um avanço significativo na aprendizagem por parte do educando, pois o conteúdo trabalhado se torna significativo, ampliando-se de um conteúdo meramente teórico, para um conteúdo prático.

Neste contexto, os conteúdos estruturantes presentes nas disciplinas são frutos de uma construção que tem sentido social como

conhecimento, ou seja, existe uma porção de conhecimento que é produto da cultura e deve ser apropriado, dominado e usado de forma contextualizada. A interdisciplinaridade está relacionada ao conceito de contextualização sócio-histórica como princípio integrador do currículo.

Ramos (2004, p. 01) descreve que,

[...] sob algumas abordagens, a contextualização, na pedagogia, é compreendida como a inserção do conhecimento disciplinar em uma realidade plena de vivências, buscando o enraizamento do conhecimento explícito na dimensão do conhecimento tácito. Tal enraizamento seria possível por meio do aproveitamento e da incorporação de relações vivenciadas e valorizadas nas quais os significados se originam, ou seja, na trama de relações em que a realidade é tecida.

Partindo desse princípio, o plano de trabalho docente estabelece as relações interdisciplinares quando conceitos, teorias ou práticas de uma disciplina são chamados à discussão e auxiliam a compreensão de um conteúdo de qualquer outra disciplina e, em seu conjunto, a compreensão da realidade. Estabelecer relações interdisciplinares não é uma tarefa fácil, estas evidenciam, por um lado, as limitações e as insuficiências das disciplinas em suas abordagens isoladas e individuais; mas, também, ampliam a abordagem dos conteúdos de modo que se busque a totalidade, numa prática pedagógica que leve em conta as dimensões científicas, filosófica e artística do conhecimento.

A partir do inventário da realidade, foram definidas quatro porções da realidade: produção de alimentos; movimentos sociais e lutas; trabalho e renda e cultura e lazer. Para uma melhor visualização das porções elencadas, e para facilitar a visualização do universo de opções que os professores possuíam, para “conectar” seu conteúdo a essas porções, foi criado um diagrama representativo de todos os possíveis aspectos a serem trabalhados na porção selecionada. Entende-se que tal esquema quer facilitar o trabalho do professor, não deve ser entendido como um modelo limitante da criatividade individual de cada envolvido no processo, tendo em vista que é um trabalho coletivo, em que o avanço individual caracteriza um ganho coletivo.

FIGURA 1 - Diagrama formulado pela equipe do Colégio Estadual do Campo Professora Maria de Jesus Pacheco Guimarães, para o detalhamento da porção da realidade 'produção de alimentos'



Fonte: Arquivo do Colégio

Em síntese, são fundamentos gerais da proposta: partir da realidade; ter como perspectiva um processo educativo que seja instrumento que contribua para buscar emancipação humana, mesmo que parcial; relacionar teoria e prática; superar a fragmentação do conhecimento; praticar processos de auto-organização.

Organização do Planejamento

O inventário serviu como base para construção do planejamento coletivo. Foram utilizados os dias destinados à reunião pedagógica, para dar encaminhamento às discussões e estruturação do planejamento, tirar dúvidas e solucionar de forma coletiva os problemas encontrados, envolvendo os professores, coordenação pedagógica e direção; em alguns momentos, quando pertinente, a hora atividade também foi utilizada para discussões mesmo que reunindo dois, no máximo três professores, juntamente com o trabalho intensivo da coordenação pedagógica para formar elos entre os professores e

pensamentos divergentes, para se chegar a um consenso, de educação do campo, com qualidade.

Trata -se de organizar o ensino através de temas socialmente significativos, e através deles estudar a dinâmica e as relações existentes entre aspectos diferentes de uma mesma realidade, educando assim os estudantes para uma interpretação dialética da realidade atual. (PISTRAK, 2011, p.13)

No final do primeiro semestre de 2013, a equipe do Colégio conseguiu concluir o planejamento de todas as disciplinas considerando a porção da realidade selecionada.

O segundo semestre do ano de 2013, iniciou com o pensamento de aumentar as porções da realidade elencadas no inventário. Para início dos debates, a semana pedagógica, destinada ao trabalho coletivo juntos aos colégios envolvidos no trabalho de reestruturação, apresentou avanços significativos, pois, além dos Colégios das redes municipal e estadual de Guarapuava - PR, integraram-se ao grupo os Colégios: de São João da Colina e Padre Vitor, ambos de Pitanga, bem como o Colégio Estadual do Campo de Pinhalzinho, de Goioxim. Nesse encontro, os Colégios apresentaram ao grande grupo as etapas de trabalho desenvolvida em cada Colégio, bem como socializaram as dificuldades encontradas e as soluções para as mesmas. No início de 2014, em parceria com a Unicentro, alguns professores foram para o Rio Grande do Sul conhecer uma proposta pedagógica baseada na politecnia, no Colégio Estadual de Ensino Médio Getúlio Vargas, no município de Derrubadas, o que representou uma contribuição importante para nossa proposta de trabalho pedagógico.

A partir do exposto, em 2014, procuramos aprofundar o desenvolvimento do trabalho interdisciplinar. Conforme Fazenda *apud* Paraná (2010, p. 46),

A tendência em olhar a sala de aula sob uma única e determinada perspectiva acarreta sérias limitações, quer no referente às análises, quer nas sínteses enunciadas[...] colocar em dúvida teorias construídas a partir de uma atitude disciplinar não significa isolá-las ou anulá-las, mas enfatizar nelas o seu caráter de provisoriedade. Essa provisoriedade justifica -se pela complexidade dos fenômenos envolvidos nas ocorrências de sala de aula. A atitude interdisciplinar visa, nesse sentido, uma transgressão aos paradigmas rígidos da ciência escolar atual, na forma como vem se configurando, disciplinarmente.

O envolvimento dos professores foi fundamental para garantir a qualidade de aproximação disciplinar, sem perder de vista que o ato de planejar é um ato intencional e faz parte da história humana. A construção do conhecimento é sempre mediada no âmbito das relações interpessoais, levando-se em conta os saberes da experiência trazidos pelos estudantes, somados aos conhecimentos específicos de cada área de atuação dos professores.

O planejamento coletivo trouxe a possibilidade de diálogo entre os professores, mesmo em disciplinas distintas, além de vislumbrar o aproveitamento e aprofundamento de conteúdos em séries diferentes. O direcionamento interdisciplinar possibilitou um trabalho pedagógico que levou em conta todas as dimensões que constituem as especificidades do ser humano, para seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico, preconizando a educação omnilateral; pois, o desenvolvimento que se expressa em cada ser humano não advém de uma essência humana abstrata, mas é um processo em que o sujeito se constitui socialmente, por meio do trabalho; que se constrói, portanto, dentro de determinadas condições histórico-sociais. Segundo Gramsci *apud* Frigotto (2012), a humanidade que se reflete em cada individualidade é expressão das múltiplas relações do indivíduo com os outros seres humanos e com a natureza. Então, os valores, hábitos, gostos, religião ou crenças e os conhecimentos incorporados não são realidades naturais, mas uma produção histórica. É a vivência da historicidade e a busca de superar as contradições presentes no movimento da realidade que permite ao ser humano crescer como sujeito, participando da própria intencionalidade de sua formação. Esse esforço para modificar o planejamento continuou durante 2015 e 2016.

Nesse processo, houve vários encontros de Estudo dos fundamentos teórico-metodológicos da Educação do Campo, planejamento e execução de práticas pedagógicas em Educação do Campo, sistematização e publicação dos resultados e a participação de alguns professores na viagem a São Paulo, que fizeram parte do processo desencadeado pela participação da escola no Projeto Redes de saberes ambientais para a formação de educadores e desenvolvimento da cultura científica na região centro-sul do Paraná, no subprojeto Formação continuada em Educação do Campo (Novos Talentos/CAPES), da Unicentro.

DIFICULDADES AVANÇOS E DESAFIOS

No processo de reorganização do planejamento, passamos por muitos desafios, com avanços e dificuldades que fazem parte de qualquer caminhada com vistas a mudanças. O esforço para realizar planejamento coletivo, fortaleceu o sentimento de pertencimento do grupo de professores do Colégio, pois muitos conheceram aspectos da realidade vivida pelos estudantes, que possibilitaram um novo olhar pedagógico e também humano no seu fazer em sala de aula.

As discussões sobre a realidade levaram à busca de soluções para os problemas locais, tornando a metodologia significativa para a vida do estudante. Algumas ações foram concluídas e apresentaram avanços significativos nessa construção estrutural do planejamento, entre elas o planejamento integrado que buscou trabalhar com porções da realidade, possibilitando o trabalho interdisciplinar; atividades diversificadas (aulas de campo, pesquisas enfocando a realidade dos estudantes, visitas às comunidades, etc.); participação em eventos para divulgação do trabalho realizado pelo coletivo do Colégio; reconhecimento e valorização do trabalho realizado no Colégio pelo Núcleo Regional de Educação de Guarapuava; produção de material relacionado ao espaço local; realização de eventos internos no Colégio como forma de expor para a comunidade o trabalho realizado internamente pelos estudantes; I Feira “Resgatando a Cultura e os sabores do Campo” (10/10/2013); V Jogos da Primavera e I Encontro Esportivo das Escolas do Campo (16 a 18/10/2013); II Feira “Resgatando a Cultura e os sabores do Campo” (30/10/2014).

As dificuldades encontradas neste processo são inerentes às práticas educativas arraigadas na estrutura organizacional da escola, referentes à resistência à mudança por parte de alguns professores (acomodação); rotatividade de professores; planejar coletivamente (embate de ideias); individualismo que remete à dificuldade em trabalhar interdisciplinarmente.

As possibilidades que se abrem, mesmo na precariedade, trazem perspectivas para se repensar a organização da escola, as relações entre educadores e educandos, as metodologias de ensino, e os resultados esperados com a intencionalidade construída coletivamente.

RELATO DE ALGUMAS EXPERIÊNCIAS/ATIVIDADES REALIZADAS A PARTIR DOS PRINCÍPIOS ADOTADOS NA REFORMULAÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

A partir dos objetivos de ensino propostos para a educação do campo, segue o relato de algumas experiências e atividades desenvolvidas pelos educadores. Iniciando pelos núcleos setoriais.

Atividade 1 – Núcleos Setoriais(NS): auto-organização dos estudantes

A implementação dos Núcleos Setoriais iniciou em meados de 2014, após um período de estudo e pesquisa sobre o tema, com um grupo de estudantes do ensino fundamental e médio, orientados por professores, os quais foram precursores dessa concepção no Colégio. Este estudo foi fundamentado na obra de Pistrak (2011) e na proposta do MST para as escolas itinerantes (Paraná), que defendia a auto-organização dos educandos como uma grande transformação a ser feita na escola através da constituição de coletivos infantis e juvenis partindo da necessidade de realizar determinadas ações práticas, que podem começar com a preocupação de garantir a higiene da escola, e chegar à participação efetiva no Conselho Escolar, ajudando a elaborar os planos de vida da escola; objetivando educar para a participação social, igualmente consciente e ativa.

Ensinar os estudantes a trabalhar a partir de coletivos é um mecanismo significativo de formação e aproximação das funções que a escola pode vir a ter nos processos de transformação social. Além de contribuir significativamente na construção da autonomia dos educandos, formando outra postura política e pedagógica no coletivo escolar, em que educandos e professores são sujeitos do processo.

A transformação histórica a ser feita na escola depende da participação autônoma, coletiva, ativa e criativa dos educandos, de acordo com as condições de desenvolvimento de cada idade, nos processos de estudo, de trabalho e de gestão da escola. Por meio das atividades desenvolvidas nos núcleos setoriais, vão aprendendo habilidades, comportamentos e posturas necessárias ao seu desenvolvimento humano e à sua inserção social.

Não se trata de ignorar a institucionalidade vigente, suas leis e dispositivos; mas sim criar mecanismos participativos que exercitem a capacidade de organização e de decisão dos estudantes.

A auto-organização dos estudantes é pensada como fio condutor da formação e gestão da escola do campo. É assumir na concretude o que se defende sobre “ser sujeito do processo”. Ninguém se faz sujeito se não “põe a mão na massa”. E jamais alguém se torna sujeito esperando ou aceitando que os outros façam por ele. Tornamo-nos sujeitos na ação. A estrutura orgânica da escola está apoiando nos núcleos de base e na formação de coletivos ou equipes disso, é possível levar nossos estudantes e professores a compreenderem que há momentos de coordenar e outros de serem coordenados, entendendo a importância de propor, avaliar e tomar decisões coletivas sobre o processo (ALMEIDA *apud* CAMINI, 2009, p. 227).

Alguns passos são necessários, para implantação dos Núcleos Setoriais: estabelecer critérios para formação dos mesmos; elo entre os turnos; número de estudantes por turma; observar igualdade de gênero; manter os conteúdos das disciplinas em dia, quando houver reunião, etc.

ASPECTOS ORGANIZACIONAIS DOS NÚCLEOS SETORIAIS

A Primeira instância é a Assembleia Escolar composta por todos os membros da escola. A segunda instância é a Comissão executiva da Assembleia, composta pelos estudantes, líderes dos Núcleos Setoriais e deve deliberar/pautar as discussões de questões nos núcleos. A terceira instância são os Núcleos Setoriais, definidos pela escola a partir da identificação dos aspectos da vida que necessitam da intervenção real dos estudantes. O Núcleo Setorial adquire funções específicas, e também adquire a qualidade de discutir o todo da escola; com momento previsto, para que as questões discutidas nos núcleos sejam pautadas na comissão executiva, e perpassem pelo todo da escola. Este processo deve ser intencionalizado e com objetivos definidos.

Os líderes dos NS não são permanentes e devem ser trocados semestralmente ou anualmente, para que tenham a experiência de liderar e ser liderados, garantindo a participação política efetiva dos estudantes tornando o processo mais democrático.

A assembleia geral da escola se reúne obrigatoriamente no começo e no final dos semestres, podendo ser convocada pela Comissão Executiva em outras oportunidades consideradas importantes.

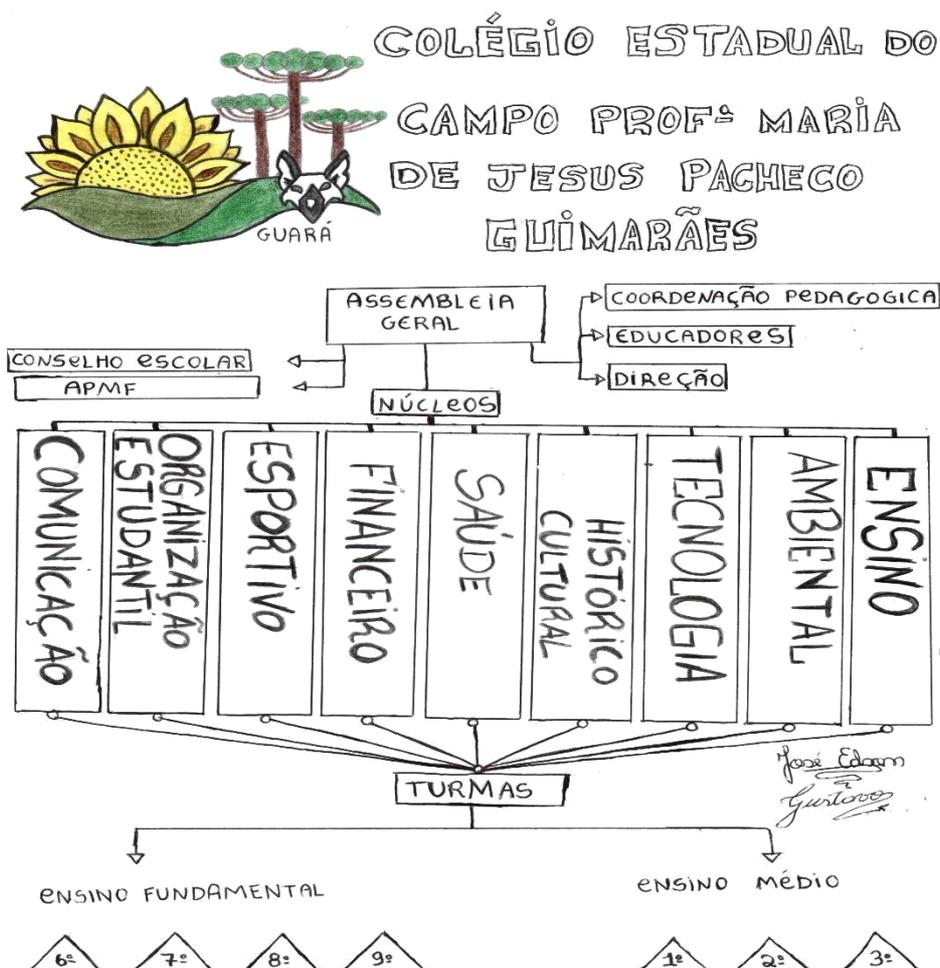
Nas assembleias de final de semestre, a Comissão Executiva presta contas do que foi realizado. A assembleia deve ser entendida como o acontecimento mais importante da gestão da escola, com participação de todos os envolvidos, incluindo a comunidade.

Para definir a proposta pedagógica dos Núcleos Setoriais, alguns aspectos precisavam ser observados, assim, os educandos e professores envolvidos com a proposta foram visitar o Colégio Estadual do Campo Iraci Salete Strozak, no Assentamento Marcos Freire, no Município de Rio Bonito do Iguaçu, vinculado ao MST, para conhecer o trabalho que estava sendo desenvolvido com os Núcleos naquele estabelecimento. Após a visita, os educandos definiram quais Núcleos seriam necessários nesse processo de auto-organização. Após alguns questionamentos lançados aos educandos, foram definidos nove núcleos setoriais, que visam contribuir no desenvolvimento de atividades de cunho pedagógico.

Em meados de agosto de 2015, coordenadores dos Núcleos Setoriais, participaram do 2º encontro da juventude no CEEP Arlindo Ribeiro, para expor a proposta de auto-organização às escolas participantes, relatando sobre o processo de implementação; as angústias iniciais; e a importância de tomar decisões a respeito da organização da vida escolar, com apoio e orientação dos professores, sendo nesse sentido todos responsáveis pelo cumprimento dos objetivos que trazem ganho coletivo. Também foi criado um grupo no *facebook*, chamado “Juventude do Campo”, para que os educandos possam se comunicar sobre o andamento dos Núcleos Setoriais com outras escolas.

“Essa nova etapa dos Núcleos no Colégio foi muito boa, é tempo de se refazer, somos capazes e merecemos deixar o ambiente escolar mais apreciado e com o andamento das atividades de forma mais descontraída. Foi dado a nós alunos uma oportunidade de deixar o espaço mais alegre, mas de uma maneira diferente. Os núcleos são especiais para nós, alunos”. (Relato do educando Silvio Luiz Cordeiro).

Figura 2 – Organograma dos núcleos setoriais



Fonte: Arquivo da escola

No quadro que segue, são indicados os núcleos, algumas atividades desenvolvidas por cada um deles, bem como algumas dificuldades que estiveram presentes no seu processo de implementação. Uma das dificuldades, comum aos grupos, foi a resistência de alguns estudantes para participar dos núcleos e a falta de colaboração de alguns professores. Também houve dificuldade em relação ao transporte escolar para o contra turno. Em vários momentos do trabalho dos núcleos setoriais houve a participação de professores como mediadores. Em algumas atividades houve a ação integrada de diferentes núcleos setoriais, como por exemplo, a organização da semana do estudante e do dia do professor.

Quadro 2 – Núcleos Setoriais

Núcleo Setorial	Atividades desenvolvidas/dificuldades encontradas
Ambiental	Abaixo assinado para resolver situação de esgoto a céu aberto na comunidade; confecção de trilha das sensações para conscientização do cuidado com o meio; ações de conscientização sobre o destino do lixo e a limpeza da escola. Dificuldade encontrada: serem atendidos pelos órgãos competentes.
Comunicação	Palestra sobre importância de saber se comunicar (Palestrante: comunicador Mano Rudi); recreio dirigido – músicas na hora do recreio com a rádio escolar (ao vivo). Dificuldade encontrada: encontrar palestrantes
Ensino	Grupos de estudos; incentivo ao uso do dicionário, provocando os estudantes a procurar significado de palavras pouco usadas no cotidiano e que eram colocadas no mural do refeitório, com posterior premiação; apresentação de teatro com fantoches; concurso de tabuada; organização de armários nos corredores com materiais de uso comum das turmas (dicionário).
Esportivo	Recreio dirigido: torneios de tênis de mesa e futsal; conscientização sobre o uso e cuidado dos materiais esportivos.
Financeiro	Trabalhar junto à Direção do Colégio, no planejamento de gastos das verbas; organizar e viabilizar os gastos dos núcleos setoriais.
Histórico Cultural	Produção do livreto sobre lendas da região; livreto comemorativo do dia do estudante. Resgate histórico da Patronesse do Colégio (Professora Maria de Jesus)
Organização Estudantil	Caixas de sugestões: reclamações, elogios e sugestões; Cinema na escola (trabalho com filmes na semana do estudante); oficina de danças (salão, gauchesca, dança moderna); resgate de brincadeiras.
Saúde	Palestras sobre sexualidade; exposição sobre prevenção ao mosquito <i>aedes aegypti</i> e uso do álcool gel como prevenção da gripe H1N1.
Tecnologia	Cuidados com o uso dos aparelhos eletrônicos; oficina de informática para os 6º anos, no laboratório do Colégio.

Fonte: quadro elaborado pelos autores a partir de registros feitos na escola.

Em meados de 2015, nove educandos participantes dos núcleos setoriais, foram selecionados para participar do PIBIC Jr/Unicentro e desenvolveram atividades pertinentes aos núcleos, apresentando, em setembro de 2016, o resultado desse trabalho no IV encontro de Iniciação Científica Júnior, realizado na Unicentro.

Atividade 2 - Buscando energia para atividade física a partir de uma alimentação saudável

PROFESSORES: Simone Lealdino - Educação Física - simolealdino@hotmail.com e Marta Wolf Matoso - Ciências - wolfmarta@hotmail.com

Introdução

A alimentação saudável, como fonte de energia, foi assunto das aulas de

Educação Física e Ciências, com as turmas de 8º anos A, B e C, envolvendo 72 educandos e abrangendo os conteúdos qualidade de vida e importância da atividade física, nas porções da realidade: soberania alimentar e produção de alimentos.

Foram três aulas teóricas com os seguintes objetivos:

Ciências: identificar os hábitos alimentares dos estudantes.

Educação Física: descobrir os principais alimentos geradores de energia para auxiliar na atividade física.

Em comum: comparar os dados levantados com a pirâmide alimentar padrão. Orientar sobre qualidade de vida enfoca vários setores de nossas vidas: lazer, amigos, espiritualidade, trabalho, educação, saúde, ambiente, família. A atividade física está inserida no contexto lazer, foi uma ponte para abordar o assunto da alimentação saudável.

Desenvolvimento

Primeira aula: foi feito um questionamento sobre quem possuía horta caseira, assim como quem não possuía. Somando os educandos dos três oitavos A, B e C, temos 72 estudantes, onde 53 possuem horta para consumo próprio e 19 não possuem horta, alegando que a família não tem tempo para cuidar. Apenas um tem, no cultivo da horta caseira, o objetivo de completar o orçamento familiar. Em seguida, os educandos reconstruíram a pirâmide alimentar padrão feita anteriormente nas aulas de Ciências ministradas pela professora Marta.

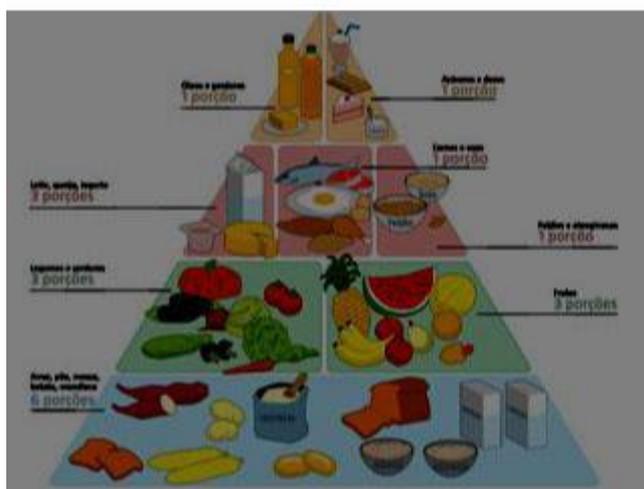
Exemplo da tabela de coleta de dados.

Segunda aula: Foram orientados a construir uma tabela de acompanhamento alimentar individual, com os dados do café da manhã, almoço, lanche e janta. Esses dados foram coletados no período de uma semana.

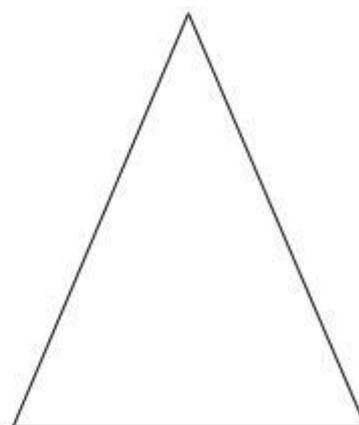
Horários/dias	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Café da manhã							
Almoço							
Lanche							
Janta							

Terceira aula: Os educandos fizeram uma comparação da pirâmide alimentar padrão com os dados coletados, identificando os alimentos que repetiam e os que faltavam na tabela individual, montando, posteriormente, uma nova pirâmide com os hábitos alimentares cotidianos. Pesquisando no livro de ciências, descobriram quais alimentos fornecem energia para a prática de atividade física e quais prejudicam a absorção.

Figura 3 – Pirâmide alimentar padrão



Fonte: <http://dicasdeciencias.com>



Pirâmide a ser construída

Conclusão

Os educandos aceitaram muito bem a proposta das aulas, o que é um avanço quando se trata da disciplina de Educação Física. Eles já tinham o conhecimento da pirâmide alimentar conforme orientações das aulas de ciências e da construção da tabela, que aprenderam em geografia. Entenderam que é importante ter uma alimentação saudável, que a maneira que estão se alimentando não está de acordo com a distribuição indicada na pirâmide alimentar, pois estão consumindo muita massa, doces e refrigerantes. Dessa maneira, não estão ajudando o organismo a absorver os nutrientes corretamente para transformá-los em energia, conseqüentemente, prejudicando o desempenho no momento da atividade física. Também consideraram a possibilidade de produzir alguns alimentos para ajudar no

enriquecimento nutricional e futuramente ajudar no aumento do orçamento familiar.

O fato de conhecer o conteúdo de outras disciplinas facilitou positivamente o desenvolvimento das aulas teóricas de Educação Física, os estudantes fizeram conexões e visualizaram a união teórica das diferentes disciplinas.

Atividade 3 – Plantas Medicinais

Professoras:

Ciências: Marta Roseli Wolf Matoso (wolfmarta@hotmail.com)

Biologia: Mirela Ramos Moimaz (mirelahelbel@bol.com.br)

Introdução

Este trabalho teve como objetivo catalogar as espécies de plantas medicinais utilizadas pelas comunidades nas quais se inserem os estudantes da escola, bem como seu modo de preparo e sua utilização na prevenção e na cura de doenças, e a prevenção do uso incorreto das plantas como remédio.

Turmas envolvidas: no ensino fundamental foram, no período da manhã, 7º A, com 28 estudantes; período da tarde, 7º B, com 29 estudantes e 7º C, com 26 estudantes. Envolveu a disciplina de ciências no conteúdo “Reino Plantae” (plantas medicinais remédio ou veneno), objetivando levar aos educandos o conhecimento da maioria dos tipos de plantas usadas pela comunidade, para que servem e como e feito o preparo de chás.

No ensino médio, foi realizado o trabalho com o 2º ano A, com 26 estudantes, no período da manhã. A disciplina de Biologia envolveu o conteúdo Reino Plantae e suas divisões, briófitas, pteridófitas, gimnospermas e angiospermas, suas respectivas características e utilização fitoterapêutica. Também foi mobilizado o conteúdo de taxonomia (classificação científica).

Os objetivos foram: catalogar as espécies de plantas fitoterapêuticas, mais usadas pela comunidade em torno do Colégio do Campo Maria de Jesus Pacheco Guimarães e pelas famílias dos estudantes na localidade do distrito do Guará; conhecer o modo de preparo dos chás; pesquisar para que tipo de doenças são usadas determinadas espécies de plantas; informar o nome

científico das espécies catalogadas; valorizar o conhecimento popular como cultura; integrar os educandos com a comunidade e sua realidade; desenvolver trabalho em equipe, relacionando conteúdos trabalhados no ensino fundamental (ciências) e médio (biologia).

Desenvolvimento

Inicialmente, foi feito um questionário investigativo com os educandos do 7º A, B e C, seus familiares e a comunidade para obter informações sobre quais as plantas utilizadas, para quê, de que forma e seu nome popular. Questões que foram pesquisadas: nome popular da planta? Para que é usada? Como se prepara o chá?

Em posse dos questionários realizados com os pais e com a comunidade, organizou-se uma lista relatando o nome popular, sua utilização e o modo de preparo das plantas em forma de chá.

Exemplo:

Nome popular: Alecrim

Para que é usado: Dor de estômago, má digestão e calmante.

Como é usado: usa-se as folhas.

Entrevistado: Rose

Nome popular: arruda

Para que é usado: Para tirar ar (espasmo muscular), e analgésica

Como é usado: faz-se o chá das folhas, analgésica faz-se compressa do chá.

Entrevistado: Maria R. Mendes

Em seguida, foi feita a coleta de mudas na comunidade e nas casas dos próprios educandos, e também dos educadores. Depois, essas mudas foram plantadas em saquinhos por alguns educandos em uma mistura de mais ou menos 70% de terra e 30% húmus.

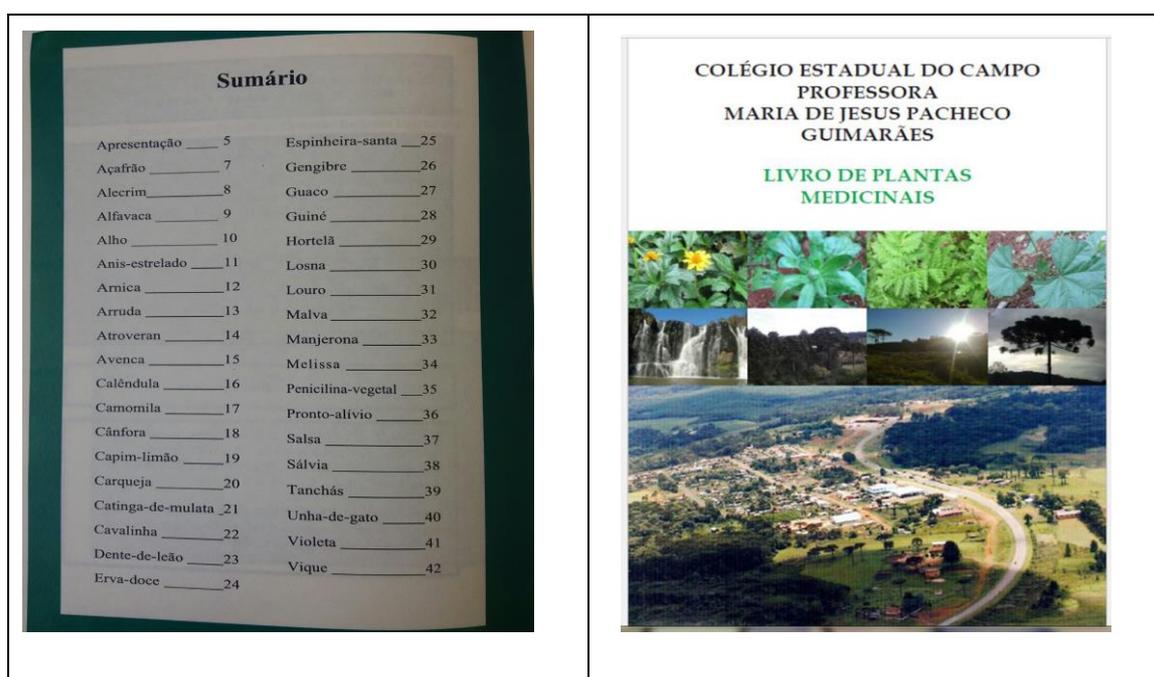
Concomitantemente, foi feito o trabalho de pesquisa com os estudantes do 2º ano A, obtendo-se por meio de pesquisa bibliográfica, os seguintes tópicos: nome científico, indicações, contraindicações (quando existia) e modo de preparo.

O resultado do trabalho foi apresentado na I feira do Colégio nominada: “Resgatando a Cultura e os Sabores do Campo”; com exposição das ervas medicinais, pesquisa bibliográfica e degustação de chás.

Durante a exposição, a professora Marlene L. S. Sapelli, do Laboratório de Educação do Campo da Unicentro, em conversa com as professoras das turmas, equipe pedagógica e Direção do Colégio, sugeriu a possibilidade de transformar este trabalho em Cartilha de plantas medicinais. Para que essa ideia se concretizasse, contamos com o apoio dos estudantes egressos do Projeto de Inclusão Digital em Associações de Produtores rurais e Comunidade de Guarapuava, desenvolvido no Colégio pelas professoras Doutoras Deonísia Martinichen e Sandra Galbeiro, dos Departamentos de Agronomia e Veterinária, também da Unicentro.

Após a exposição, as mudas foram transplantadas para local definitivo (horta da escola).

Figura 4 – Sumário e capa do livro sobre plantas medicinais



Fonte: arquivo da escola

Cronograma

Setembro

Ensino Fundamental

- Exposição do trabalho aos educandos;

- Trabalhado o conteúdo angiospermas: de raiz, caule folhas e flores como plantas medicinais em aulas expositivas dialogadas e pesquisa na biblioteca, comunidade e internet;
- Elaboração do questionário e aplicação;
- Organização da lista;
- Coleta e plantio das mudas em saquinhos plásticos.

Ensino Médio

- Exposição do trabalho;
- Conteúdo reino plantae e suas divisões taxonômicas no 3º bimestre e tendo informações sobre o conteúdo, houve a divisão dos grupos para início da pesquisa do trabalho.

Outubro

Ensino Fundamental

- Exposição das mudas

Médio

- Digitação e organização das pesquisas bibliográficas;
- Organização da exposição na feira;
- Orientação por parte dos educandos para os visitantes da feira.

- Dezembro

- Replante das espécies que acabaram morrendo, devido a fatores diversos como Aclimatização, ataque de formigas, etc.
- Publicação da cartilha impressa.

Conclusão

A utilização de plantas medicinais para o tratamento de algumas enfermidades é um dos mais antigos recursos empregados pelo homem, seu uso parte da sabedoria popular, sendo hoje, objeto de estudo para descoberta de novos princípios ativos para fabricação de remédios. A Organização Mundial da Saúde diz que planta medicinal é qualquer planta que possua

substâncias com finalidades terapêuticas ou que estas substâncias sejam ponto de partida para a síntese de produtos químicos e farmacêuticos. O trabalho foi de grande valia e possibilitou o envolvimento de estudantes de séries diferentes com o mesmo objetivo; desenvolver o conhecimento a partir da realidade dos estudantes.

Atividade 4 – Horta e minhocário

Disciplina: Acompanhamento Pedagógico (Mais Educação)

Professora: Cleide M^a Senger

O Projeto Mais Educação no Acompanhamento Pedagógico tem como finalidade auxiliar o educando em suas dúvidas no processo ensino aprendizagem e trabalhar os conteúdos sempre que possível associando-os às atividades do campo.

O Colégio do Campo trabalha valorizando o local de onde o educando vem, dando ênfase à valorização do mesmo. Além de reforço nas disciplinas que apresentam maior defasagem, está sendo trabalhada a horta para replantio das plantas medicinais utilizadas no trabalho anterior; na qual os estudantes, orientados pela professora Cleide fizeram a limpeza do local. A horta foi construída de maneira diferenciada, utilizando figuras geométricas para trabalhar a matemática de maneira descontraída. Cada canteiro tem uma forma (quadrado, triângulo, retângulo, circunferência, trapézio), auxiliando o estudante a reconhecer as formas geométricas e a calcular área, perímetro, união e intersecção de conjuntos. Os canteiros foram rodeados de garrafa pet e frasco de amaciante de cores diferentes.

Com as garrafas pet, foi montada uma horta suspensa, próxima à cozinha para plantar cebolinha e salsinha que serão utilizadas na cozinha, no preparo dos alimentos servidos aos estudantes do Mais Educação e do Colégio, valorizando ainda mais o sabor dos alimentos e mostrando para os educandos que qualquer espaço pode ser aproveitado para pequenos plantios e isso os conscientizará que podem economizar com pequenos gestos.

Com o auxílio de um estagiário de Agronomia, foi montado um minhocário para obtenção de húmus e isso possibilitou que os estudantes entendessem a importância das minhocas na aeração do solo e a utilização dele na horta, pois, também em plantação em pequena escala deve ser eliminado o uso de agrotóxico, o que melhorará a qualidade de vida da comunidade. Também foi utilizado um local para compostagem a fim de que o estudante entendesse que restos de alimentos são excelentes adubo para as plantas, evitando assim a utilização de produtos químicos. Isso é importante, pois eles poderão fazer em suas residências, dando destino correto ao que até, então, era considerado lixo, e isso refletirá na economia e valorização do seu espaço.

O objetivo do projeto era que o educando assimilasse melhor os conteúdos do currículo básico, bem como a importância de aproveitar bem o solo, fazer bom uso das plantas medicinais e aprender que mesmo em pequeno espaço pode e deve ser bem aproveitado e isso ajudará na melhoria da limpeza e a usufruir dos benefícios dos pequenos plantios que podem ser cultivados em suas residências.

Figura 5 – Estudantes do Programa mais Educação na horta do Colégio



Fonte: arquivo da escola

Atividade 5 – Saída de campo: atividade estratégica para o conhecimento do meio

PROFESSORES:

Ademir Rempel (Geografia)

Rosilene Gonçalves Pires (Língua Portuguesa)

Josinéia Tuchinski Diogo (Língua Portuguesa)

Floriano Miguel Domaradzki (Língua Portuguesa)

Heloise de Almeida Lima (Arte)

Lenir Orzechowski (Matemática)

Introdução

A partir do Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual do Campo Professora Maria de Jesus Pacheco Guimarães, que estabelece como uma de suas premissas a atividade pedagógica voltada à realidade local, os professores das disciplinas de Geografia, Ademir Rempel, de português, Rosilene Spinola, Josineia Tuchinski e Floriano Miguel Domaradzki e de Arte Heloise de Lima Almeida, desenvolveram com as turmas do 8º “B” e 9 “B”, do período da tarde, uma visita de campo à pequena propriedade rural do Senhor Jacob Malinoski, localizada na comunidade do Rio Bananas, aproximadamente a 10 km de distância da sede urbana do distrito do Guará, município de Guarapuava- PR.

Na visita, tivemos como seguintes objetivos: reconhecer a organização de uma pequena propriedade rural; possibilidade de geração de renda na pequena propriedade por meio da diversificação de culturas, conhecer técnicas agrícolas tradicionais.

A atividade teve como característica principal o levantamento de informações para alicerçar o trabalho em sala de aula, caracterizando-se como a materialização de uma proposta na qual utilizou-se a visita como foco principal das atividades realizadas nas disciplinas.

A visita teve a duração de 5 aulas e, durante esse período, professores e estudantes dialogaram com o proprietário, passaram por todos os espaços da

propriedade e receberam explicações sobre as formas de produção e os cultivos realizados.

Desenvolvimento

As disciplinas de Geografia, Português, Matemática e Arte, motivadas por conteúdos que lhes proporcionaram a realização de uma atividade interdisciplinar, discutiram uma atividade que lhes possibilitassem o conhecimento da realidade local, para que esses conteúdos se tornassem significativos em sala de aula.

Foram selecionadas duas turmas, sendo elas: 8º ano B e o 9º ano B, ambas do período da tarde. Além de proporcionar aos estudantes o conhecimento da referida propriedade, também foi uma oportunidade para o grupo de professores envolvidos na atividade de coletar mais informações do lugar de vivência do estudante.

A logística necessária para uma atividade com essas características consiste no reconhecimento prévio da área a ser visitada, conversa com o proprietário do imóvel rural, solicitando a sua permissão para a visita, bem como seu consentimento para entrevista e disponibilidade de tempo para que o mesmo acompanhasse o grupo durante a visita. Junto aos educandos fizeram-se necessárias as devidas providências legais de autorização dos responsáveis para que os mesmos pudessem deixar o ambiente escolar e se deslocassem até o local da visita. Para o transporte, devido à quantidade de estudantes, duas turmas, foi necessário contar um ônibus. O valor do transporte foi custeado pela escola, essa questão financeira é um dificultante na realização de atividades dessa modalidade, pois, quando não há possibilidade de custeio pela escola, o mesmo recai para o estudante, pois não existe verba específica para esse fim pedagógico.

Mesmo com todas essas dificuldades, a realização da atividade possibilitou a comprovação de que o trabalho integrado garante um benefício grandioso para o projeto pedagógico da escola e um avanço significativo no processo de ensino-aprendizagem.

Com as informações coletadas na visita ao sítio do Sr. Jacó Malinoski, na disciplina de geografia foi possível o desenvolvimento de um processo

comparativo entre a forma de produção de uma pequena propriedade rural e das grandes propriedades monocultoras empresariais. Na disciplina de língua portuguesa, as informações referentes ao modo de produção orgânica, às belezas naturais do local, como mata, rios, animais (domésticos e selvagens), foram utilizadas para produções textuais. Na disciplina de ciências foi organizado um questionário para levantamento de dados sobre a realidade observada e os mesmos foram discutidos em aula. Na disciplina de matemática foram analisados os dados numéricos coletados. Na disciplina de arte foi feito o registro fotográfico e o trabalho com imagens. Nesta atividade explicitou-se a importância da interdisciplinaridade, a partir do trabalho com a realidade, por meio da pesquisa de campo.

Conclusões

Com a realização de atividades que valorizam a realidade local, e partam dessa realidade para desenvolver os conteúdos trabalhados em sala de aula, foi possível observar um maior envolvimento do educando nas atividades, um despertar da curiosidade e engajamento na realização dos trabalhos desenvolvidos.

Junto aos professores, o trabalho conjunto apresentou várias dificuldades como: falta de momentos coletivos para discutir as estratégias para desenvolver a atividade, as quais proporcionassem que todas disciplinas a aproveitassem de forma positiva; inexistência de um auxílio financeiro para realização de atividades dessa natureza; as condições climáticas que causaram a transferência da data da visita várias vezes.

Muitos foram os empecilhos que ocorreram, contudo, com o compromisso e trabalho realizado pelo grupo de professores, a atividade foi desenvolvida e alcançou os objetivos almejados.

Figura 6 – Visita ao Sítio do Sr. Jacob Malinoski



Fonte: arquivo da escola

Atividade 6 – Atividades realizadas nas Feiras Resgatando a Cultura e os Sabores do Campo

Escolhemos três atividades realizadas nas Feiras do colégio, em 2013, 2014 e 2015. Eram elas: exposição de objetos antigos no Guará (2013); evolução dos instrumentos utilizados na agricultura desde pré-história até hoje (2014) e apresentação das atividades realizadas com Núcleos setoriais (2015).

Professores: Maria Roseli Kasveski Amâncio (rose.amancio@yahoo.com.br) e Luiz Gustavo Cezar (itaipugus@gmail.com).

Turmas: todas do Ensino Fundamental

Introdução

Objetivo em 2013: resgatar a história de alguns objetos antigos da região do Guará, para exposição dos mesmos na feira do Colégio Estadual do campo Professora Maria de Jesus Pacheco Guimarães Ensino Fundamental e Médio. A porção da realidade trabalhada foi a Cultura e lazer, na questão da cultura

houve entrevistas com as famílias para saber a origem e a história do objeto antigo.

Objetivo em 2014: pesquisar a evolução dos objetos utilizados na agricultura no decorrer dos tempos, desde a pré-história até os dias atuais. Houve uma integração com artes (orientação nos desenhos), geografia (identificação da localização do espaço) e inglês (escrita dos objetos encontrados), português (escrita das informações sobre os instrumentos).

Objetivo em 2015: mostrar o trabalho realizado pelos estudantes, por meio da sua auto-organização nos Núcleos Setoriais, no decorrer do ano, com demonstração de algumas atividades na feira anual: Comunicação (funcionamento da rádio o dia todo), Ensino (apresentação de peças de teatro); Histórico e cultural (apresentação da confecção do livro sobre lendas local e regional, além da pesquisa sobre a biografia da Professora Maria de Jesus Pacheco Guimarães); Esportivo (resgate de jogos e brincadeiras antigas); Organização Estudantil (recepção dos convidados na feira e apresentação dos resultados dos estudantes nas caixas que deixavam nas salas no decorrer dos trimestres, com sugestão, reclamações e elogios); Financeiro (apresentou aos colegas do colégio a quantidade de dinheiro que entrou e o que foi comprado com o mesmo); Ambiental (apresentou gráficos sobre o resultado do projeto Sala Limpa e seus mutirões realizados no colégio); Saúde (enfocaram a questão de higiene e distribuíram receitas caseiras de xampu) e Tecnologia (apresentou a importância do uso de várias tecnologias para o aprendizado dos estudantes).

Desenvolvimento

Em 2013, nos sextos anos, quando trabalhamos sobre a pré-história, foi feita uma comparação dos objetos de caça, pesca e como acendiam o fogo até a atualidade, quando no início utilizavam a pedra para acender e, mais tarde, com a invenção do fósforo até o fogão elétrico, representando isso, por meio de produção de desenhos, recorte de figuras e produção de textos. Pesquisamos sobre o fogão a gás e a lenha na região, sua quantidade e utilização. Resultado apurado e constatado que há uso numa grande quantidade de fogão a lenha. Foi feita uma pesquisa de campo, em alguns domicílios da sede do Guará,

para verificarmos a quantidade do uso do fogão a gás ou lenha. O total foi de 100 famílias entrevistadas, sendo que 95 dos entrevistados falaram que não abrem mão do fogão a lenha, pela praticidade que podem realizar várias outras atividades enquanto cozinham e não tem perigo de queimar o alimento.

Nos sétimos anos, com o conteúdo das grandes navegações, com as viagens e descobertas de objetos que não existiam na região, aproveitamos para comparar alguns objetos da época com os de hoje, utilizando vídeos (Objetos antigos) e fotografias antigas. Os estudantes resgataram fotos de objetos, carros e utensílios domésticos antigos, livro didático, verificando os anos e suas invenções: pesquisaram, formaram gráficos, debateram sobre a evolução dos objetos e sua importância.

Nos oitavos anos, aproveitamos a revolução industrial, iniciando o estudo com o filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin, que faz uma sátira à época, devido ao desenvolvimento do capitalismo, substituição do homem pela máquina, maneira de o patrão explorar os seus empregados. Após a discussão dos temas propostos, utilizamos a sala de informática, partimos para pesquisa sobre objetos antigos para explorar as invenções da época, comparando com alguns objetos cotidianos e sua evolução. Foram 9 aulas, entre assistir ao filme, discussão, pesquisa na internet e de campo, por meio da qual os estudantes buscaram junto à sua comunidade e familiares, objetos que ainda continuavam com eles, sua história e origem. Encontramos muitas curiosidades a partir das pesquisas feitas.

Nos nonos anos, foram estudadas as mudanças na década de 1920, houve maior concentração de estudo e pesquisa no desenvolvimento de eletrodomésticos. No decorrer do semestre, fizemos o levantamento da quantidade de objetos que a comunidade possuía, como na comunicação, fotografias, moedas, utensílios domésticos, dentre outros. Este trabalho foi realizado durante 12 aulas. Os estudantes, em equipes, se dividiram e elaboraram perguntas sobre os temas, desenvolveram a pesquisa sobre objetos antigos, com os estudantes de outras turmas no turno da manhã e tarde, totalizando mais ou menos 400 estudantes. Em seguida, fizeram gráficos, identificaram famílias na região que tinham algum dos objetos estudados, entrevistaram algumas destas famílias e depois apresentaram na

feira.

Em 2014, nos sextos anos, trabalhamos sobre os instrumentos utilizados na agricultura no período da pré-história e os estudantes fizeram pesquisa, realizaram desenhos, confeccionaram alguns instrumentos da época (feitos de pedra, madeira e ossos) e no dia da feira, reproduziram, na entrada da sala, uma caverna pré-histórica, até com desenhos rupestres e apresentaram os instrumentos confeccionados pelos mesmos.

Nos sétimos anos, no momento em que trabalhamos sobre o Feudalismo, verificamos sobre a forma de agricultura e servidão, pesquisamos os objetos da época. Os estudantes representaram em forma de desenhos e confeccionaram cartazes sobre o trabalho dos servos comparando com os dos camponeses de hoje. Fizeram entrevistas com vários camponeses da região, para saberem as dificuldades encontradas. Pesquisaram os objetos mais antigos da região para exposição na feira. De alguns deles foram tiradas fotos e apresentadas, por causa da dificuldade em trazer os objetos.

Nos oitavos anos, com a revolução industrial, assistimos o filme Tempos Modernos, fizemos debate sobre o aparecimento das máquinas, substituindo o trabalho do homem, desvalorização do campo, utilização de agrotóxicos nos alimentos. Os estudantes pesquisaram as novas invenções de máquinas para o desenvolvimento na agricultura, reproduziram as mesmas e compararam a vida do campo com a vida urbana. Os estudantes confeccionaram alguns objetos, como por exemplo, o moinho, em miniatura e outros.

Nos nonos anos, trabalhamos a evolução dos instrumentos agrícolas na atualidade, desde a utilização de agrotóxicos e agora alimentos mais saudáveis, com a utilização do orgânico, vantagens e desvantagens, pesquisamos alguns instrumentos e máquinas utilizadas na agricultura, desde a década de 1920 até hoje. Apresentaram em forma de slides e vídeos, as invenções de máquinas mais modernas, no período contemporâneo, com textos informativos.

Em 2015, houve um trabalho com os núcleos setoriais, que envolviam, num mesmo núcleo, estudantes de várias turmas e anos. Procuramos, na feira, representar um pouco de cada trabalho realizado no decorrer do ano. O Núcleo

da comunicação implantou a rádio para funcionar no intervalo do recreio, com músicas, recados, entrevistas e entre outros. A organização foi semanal, fazendo a rotatividade dos integrantes do núcleo. O Núcleo do Ensino pediu compras de novos dicionários e livros de leitura para a biblioteca, conseguiu armários no corredor e os integrantes ficaram responsáveis pela chave e cuidado do mesmo, confeccionaram cartazes no refeitório, chamando a atenção para pesquisa de palavras difíceis, com premiação aos colegas, com bombom. Para finalizar, para a feira, escolheram algumas peças de teatro, ensaiaram e apresentaram. O Núcleo Esportivo, no decorrer do ano, criou um recreio interativo, no qual se organizavam com os colegas jogos no pebolim e tênis de mesa, pular corda, xadrez e entre outros, sem competição. O Núcleo da Organização Estudantil teve a ideia de colocar nas salas de aula, caixas de sugestões, de reclamações, de elogios e em cada trimestre recolhiam e devolviam respostas para os estudantes. Sentavam com a coordenação pedagógica e a direção e tentavam atender aos pedidos e os elogios eram lidos na rádio. O Núcleo financeiro procurou sempre nas reuniões, sentar-se com o diretor, para ficar ciente do dinheiro que o Colégio possuía e também para entregar a lista de pedidos dos outros núcleos para direção. O Núcleo da Saúde, no decorrer do ano, fez cartazes de conscientização e cuidado com a saúde, ajudou a enfatizar as campanhas nacionais e regionais, procurou palestrantes conforme a curiosidade dos colegas. O Núcleo Histórico e Cultural, no decorrer do ano, fez pesquisa de lendas locais e regionais, junto aos estudantes, passaram para as turmas fazerem leituras e comentários e, após a feira, deixaram como legado na Biblioteca. Também realizaram uma pesquisa de campo sobre a vida da Professora Maria de Jesus Pacheco Guimarães e coletaram fotos sobre a mesma, junto aos seus familiares e ex-estudantes. No dia da feira, também ficaram responsáveis por fazer o registro de tudo o que estava acontecendo, por meio de fotografia, para, posteriormente, criar um jornal escrito. O Núcleo da Tecnologia ficou responsável em informar a direção sobre alguma coisa que não estivesse funcionando, desde trinco estragado até instrumentos tecnológicos, além de auxiliar os professores conforme a necessidade. O Núcleo Ambiental realizou

vários mutirões de limpeza externa no colégio, com os próprios estudantes do núcleo, em contra turno e lançou o Projeto sala limpa, a partir do qual os professores das últimas aulas, atribuíam valor de 0 até 10, com objetivo de melhorar o ambiente da sala de aula.

Figura 7 – Exposição de objetos antigos (2013)



Fonte: Arquivo da escola

Figura 8 – Instrumentos agrícolas (2014)



Fonte: arquivo da escola

Atividade 7 – Variações de temperaturas por meio do fenômeno da geada

DISCIPLINA: Matemática

Professora: Zeneide Gornaski Ribeiro

Turma: 7^o Ano

Porção da Realidade: Produção de Alimentos.

Conteúdos Estruturantes: Números e Álgebra; Grandezas e Medidas.

Conteúdos Básicos: Números Inteiros e Medidas de Temperatura.

Conteúdos Específicos: Número Positivo e Negativo, Comparação de Números Inteiros, Temperatura.

Objetivos

- Demonstrar a necessidade do uso de números positivos e negativos para registrar temperaturas, bem como suas variações, por meio do fenômeno da geada, típico em nossa região; explorar a forma de registro de temperatura e a escala utilizada no Brasil; comparar a partir das sensações térmicas as diferenças de temperatura e o equivalente registro (comparação entre os números inteiros).

Inicialmente foi solicitado que os estudantes realizassem em casa uma pesquisa com seus familiares sobre a geada e que trouxessem para a próxima aula alguns registros como: a geada acontece em qualquer temperatura? Qual é a temperatura para que ela ocorra? A formação de geada apresenta pontos positivos ou negativos na agricultura? Quais são eles? Quais plantações são mais frágeis à geada?

Na aula seguinte, conversamos sobre os registros trazidos e as diferentes respostas em relação ao valor da temperatura para ocorrer a geada e sobre a unanimidade na afirmação de que a geada é sempre ruim. Também uma relação bem variada de nomes de plantas que sofriam com o fenômeno da geada.

Nesta mesma aula, lemos um texto retirado da internet e que foi adaptado para uma linguagem mais simples, o mesmo trazia informações sobre a geada branca (formando cristais de gelo na superfície da planta, ocorrendo geralmente com noite de céu “limpo”/ausência de vento/

temperaturas entre 0°C e inferiores) e da geada negra (a planta congela por dentro e sua seiva é “queimada”, combinando temperaturas inferiores a 0°C / ar com menor umidade/ podendo ocorrer com ventos).

O texto relatava sobre o ocorrido em julho de 1975, época em que diversas lavouras foram perdidas, inclusive cafezais. O fenômeno atingiu muitas plantações, prejudicando a vida de muitos agricultores, influenciando a produção agrícola e, por consequência, a economia do estado do Paraná.

Foi utilizado o termômetro para a medição da temperatura ambiente, da água e gelo num recipiente, possibilitando a visualização da escala termométrica utilizada, no caso do Brasil, escala Celsius. Foi realizada uma conversa sobre os fenômenos envolvidos na formação da geada para que a compreendessem melhor, já que a cada inverno podem observá-la. Também foi ressaltada a importância do campo para a sociedade.

A partir das atividades anteriores e da própria experiência dos estudantes com a formação de geadas, tornou-se fácil construir o conceito de números maiores e menores que zero e representá-los na reta numérica, tanto na posição vertical, comparando com as temperaturas, como na horizontal, apresentando a composição desses números como parte do conjunto dos números inteiros.

Figura 9 – Reta numerada

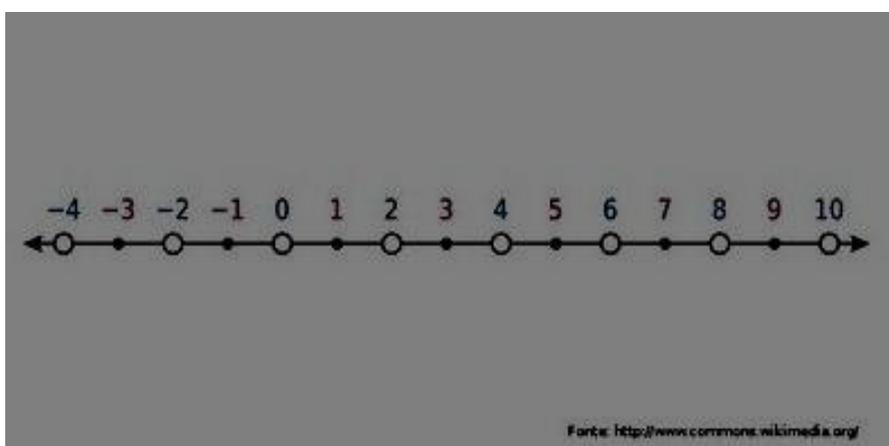


Figura 10 – Geada em Guarapuava



Fonte: Arquivo da escola

Atividade 8 – A representação mítica dos camponeses por meio da técnica da papietagem

Professora Heloise de Almeida Lima – helonana@yahoo.com.br e professora Maria Roseli Amâncio

Disciplinas: Arte e História

Introdução

Foram realizados bonecos gigantes, representando personagens referentes à agricultura, desenvolvidos a partir de conteúdos sobre o teatro, em parceria com a disciplina de história, utilizando a técnica da papietagem.

Desenvolvimento

Durante o bimestre, desenvolveram-se os conteúdos em Arte pertinentes ao teatro: a história do teatro, seus elementos básicos e, dentre os elementos, o personagem.

Em conjunto com a disciplina de história, foram trabalhadas algumas histórias mitológicas e textos que mostravam as formas como os camponeses e camponesas eram representados nas histórias e na TV.

A partir desses estudos, foram escritos textos que possibilitaram a caracterização desses personagens: Deméter (deusa da agricultura), o Jeca Tatu e a mulher camponesa.

Cada uma das histórias e cada boneco, foi desenvolvido com uma das turmas dos sextos anos, porém, todos os conteúdos referentes à atividade, foram desenvolvidas com as três turmas. Cada turma pesquisou e caracterizou um dos bonecos. Foi utilizada a técnica da papietagem para a construção de cada um, que é uma técnica por meio da qual se aplicam diversas camadas de cola e jornal, a fim de se criar uma superfície rígida, possibilitando assim, a criação de objetos e esculturas.

Começamos com o recorte do jornal em tiras, que foi utilizado para criar várias camadas, coladas em um balão de festa grande, que serviu para a confecção da cabeça. Para cada cabeça foram feitas várias camadas, até que a superfície ficasse rígida e pudéssemos trabalhar com a pintura.

Logo, foi passada uma demão de tinta acrílica branca para que servisse de fundo da pintura. Após, cada cabeça recebeu a pintura, cabelo e a modelagem do nariz, que caracterizou cada um dos personagens estudados.

A montagem do corpo e dos figurinos, foi realizada como etapa final. O corpo foi montado com cabos, pregados em cruz, que serviam de base para o corpo e braços do boneco. A finalização se deu com a montagem das vestimentas, que foi providenciada pelos próprios estudantes.

Conclusões

Os personagens em forma de bonecos foram apresentados na Feira de Sabores e Saberes do campo e apreciados pela comunidade escolar, pois nos espaços onde foram expostos, foram criados pequenos cenários para os mesmos.

Os estudantes dos sextos anos A, B e C participaram ativamente de todas as etapas, sendo que parte da atividade foi realizada no período das aulas e a finalização feita em contra turno. Os estudantes foram organizados

em pequenos grupos e, a cada dia, um grupo era responsável pela etapa que estava sendo realizada e também pelo relato na sala sobre o trabalho para que o próximo grupo pudesse prosseguir.

Figura 11 – Bonecos gigantes (técnica da papietagem)



Fonte: Arquivo da escola

Atividade 9 – Construindo pipas: brincadeira ou matemática

Professora Simone Lealdino – Educação Física

Professora Guiomar Dubiela Luy – Matemática

Introdução

Correr, encontrar o momento certo de soltar a pipa, achar o caminho do vento é muito divertido. Hoje em dia, as crianças não brincam com tanta frequência, pois a tecnologia tomou conta até mesmo da primeira infância. E estamos falando das crianças e adolescentes do campo! Construir uma pipa, então, é uma aventura e um desafio, um desafio matemático. Nesse momento que as disciplinas se unem, orientando os educandos à construção e depois com a diversão.

A Pipa ajuda na construção dos conceitos matemáticos. Com ela, os estudantes aprendem os conceitos da geometria de forma lúdica, desenvolvendo o raciocínio lógico sempre promovendo a formação do indivíduo com um trabalho cooperativo, no qual há respeito pelo ambiente em que se vive. Durante a montagem da Pipa, são caracterizados alguns conceitos geométricos como: linhas concorrentes, paralelas, triângulos, retângulos, triângulos retângulo, losangos, ângulos etc.

Desenvolvimento

As turmas envolvidas foram dos sétimos anos B e C, com 56 estudantes. Nas aulas de Educação Física, a professora contou e eles registraram a história da pipa, também construíram algumas pipas com materiais alternativos, como sacolas de mercado e pacotes de arroz. As varetas foram trazidas diretamente das residências dos adolescentes. Foram aulas dinâmicas, porém sem precisão nos recortes e montagem.

Nas aulas de matemática, a professora reforçou o conteúdo de medidas e formas geométricas. Com o domínio desses conceitos, conseguiram construir as pipas da maneira correta, com materiais específicos como: papel seda, varetas de bambu beneficiadas e linhas adequadas.

Durante a Feira, participaram da organização da sala, controlaram as pipas que eram escolhidas para serem soltas. O ponto mais importante e o objetivo principal da oficina foi justamente orientar os outros educandos na construção e nos modelos das pipas.

Conclusão

Com aulas mais práticas, os educandos se envolveram mais e puderam aprimorar suas habilidades motoras finas, assim como aplicar os conceitos matemáticos de maneira concreta. Também praticaram a solidariedade, pois em muitos casos precisaram ajudar os colegas que apresentaram maiores dificuldades.

Ficou evidente que a disciplina de Educação Física pode e deve auxiliar as demais disciplinas na apreensão do conhecimento e que aulas mais dinâmicas e práticas incentivam os educandos a buscarem mais respostas.

Atividade 10 – Reutilização do óleo de cozinha para fabricação de sabão líquido e em barra

Disciplinas: Biologia, Química e Língua Portuguesa

Professores: Elisabete Odila S. Portela; Pablo Auda e Eloá Vieira dos Santos

Introdução

Para tornar a aprendizagem mais significativa e aplicável ao cotidiano do nosso educando, um dos desafios é valorizar a sustentabilidade do meio ambiente, tendo como base o texto da Constituição Brasileira de 1988, o Artigo 225 “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações” (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988).

Segundo a Lei Federal nº 9.795, de 27 de abril de 1999, artigo 2º “A Educação Ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal”.

Um dos problemas quanto ao descarte é a destinação do óleo de cozinha, o qual traz muito prejuízo quando descartado de maneira inadequada, devido à falta de conhecimento dos prejuízos causados pelo mesmo, ao solo e às águas dos rios.

Foi proposta a oficina de sabão líquido reutilizando o óleo de cozinha usado, pois o descarte inadequado de um litro de óleo pode contaminar até um milhão de litros de água. A reciclagem do óleo usado em frituras possui aspectos importantes, como: educacionais, culturais, ambientais e socioeconômicos. Baseado nessa problemática, o presente trabalho visou na

multiplicação deste saber, para assim sensibilizar o nosso educando sobre os problemas causados pelo descarte incorreto do óleo, melhorar as condições e qualidade de vida, por meio da fabricação caseira de sabão a partir de óleo de cozinha usado.

Objetivos

- Orientar sobre o descarte do óleo de cozinha usado, pois o seu indevido descarte causa danos ao solo, aos rios e aos lençóis freáticos;
- Promover Educação Ambiental e qualidade de vida a partir da reciclagem do óleo de cozinha usado para fabricação de sabão caseiro;
- Favorecer a preservação do Meio Ambiente;
- Informar os riscos para a saúde humana quando do reuso do óleo na alimentação;
- Estimular a inclusão social de jovens e adultos ao exercício da cidadania;
- Gerar uma nova alternativa de emprego e renda.

RECEITA DO SABÃO LÍQUIDO

04 litros de álcool combustível

02 litros de óleo de cozinha usado

500 g de soda cáustica

60 litros de água

- Dissolver a soda com 1 litro de água num balde pequeno.
- Num balde grande de plástico, misturar o álcool e o óleo de cozinha coado.
- Acrescentar ao óleo e álcool a soda dissolvida, mexendo com pá de madeira ou cabo de vassoura. Deixar reagir até formar uma película sobre a mistura.
- Acrescentar a água até 60 litros. Pode até utilizar o tanquinho de roupa, colocando a quantidade de água e derramar a mistura já pronta e ligar o tanque para misturar bem o sabão.
- Engarrafar em recipiente retornável, como garrafas de amaciantes.

RECEITA DE SABÃO EM BARRA

2 litros de álcool

2 litros de água

2 kg sebo

2 litros de óleo usado de cozinha

1kg soda cáustica

Dissolver a soda em água e reservar. Derreter o sebo, misturar com o óleo, aguardar esfriar um pouco e colocar o álcool, juntar a soda cáustica já dissolvida, e começar a mexer até dar o ponto, colocar em caixa de papelão forrada com saco plástico deixando esfriar e endurecer. Depois cortar em pedaços.

Atividade 11 – Exercício físico, alimentação saudável no campo e saúde

Professora Luiza Cezar – luhc_luiza@hotmail.com

Professora Marta Matoso.

Disciplinas: Educação Física e Ciências

Introdução

A partir dos conhecimentos em sala de aula, os educandos produziram cartazes e as pirâmides da atividade física e alimentar, para demonstrar a importância da prática de atividade física, com a verificação do IMC (Índice de massa corporal), e associar uma boa alimentação com produtos do campo na disciplina de ciências para melhorar a qualidade de vida.

Desenvolvimento

Durante as aulas de Educação Física, foram desenvolvidos os conteúdos de atividade física, exercícios físicos, doenças relacionadas ao sedentarismo (falta de atividade física) e como avaliar o peso ideal a partir do IMC. Enquanto nas aulas de ciências, a professora desenvolveu atividades relacionadas a uma boa alimentação com produtos do campo.

O (IMC) Índice de Massa Corporal, apesar de ter alguns problemas

ainda, é o método mais rápido para obter a informação se está abaixo do peso normal, acima do peso ideal, ou obeso, adotado pela **Organização Mundial de Saúde (OMS)**. É o padrão internacional para avaliar o *grau de obesidade*. O IMC é determinado pela divisão da massa do indivíduo pelo quadrado de sua altura, em que a massa está em quilogramas e a altura em metros. Os valores de IMC são independentes de idade e sexo. Apesar disso, o IMC pode não corresponder ao mesmo grau de gordura em diferentes populações devido às diferentes proporções do corpo, pois não contém valores da massa magra, gordura corporal, líquidos e estrutura óssea do avaliado. Tendo estas informações, os educandos colocaram o estadiômetro para medir a altura das pessoas e uma balança para conferir o peso atual das que estavam presentes na feira. E utilizando um aplicativo baixado no tablet, puderam conferir o IMC imediatamente.

Após a verificação do IMC, os educandos demonstravam uma forma de reduzir ou aumentar o peso de acordo com o resultado obtido, como ter uma boa alimentação com os alimentos produzidos no campo ou até mesmo com alimentos industrializados, praticar exercícios físicos regularmente, mas sempre enfatizando sobre a importância de consultar um médico, nutricionista ou formado em educação física para que eles possam indicar a melhor dieta e melhor tipo de atividade física.

Conclusão

A partir desta atividade interdisciplinar, os educandos obtiveram o conhecimento de como ter uma vida saudável com produtos vindos do campo, juntamente com a prática de atividade física e puderam perceber como se alimentam mal e praticam pouca atividade física, sendo que, muitos deles praticam algum exercício apenas no Colégio. Por isso, durante a feira, os educandos buscavam incentivar as pessoas e explicavam sobre como o sedentarismo afeta o corpo humano e traz como consequência outras doenças que prejudicam a saúde.

Atividade 11 - Construção de teodolito

DISCIPLINA: Matemática

Professores: José Renato Batista e Guiomar Dubiela Luy

Objetivo

Para demonstrar algumas aplicações práticas e cotidianas da Trigonometria nas escolas do campo, os estudantes do 9º ano A desenvolveram um projeto voltado para a construção de um teodolito caseiro, objeto utilizado por engenheiros, agrimensores, topógrafos e antigos navegadores para medir distâncias inacessíveis e alturas de objetos. O projeto orientado pelo professor José Renato Batista foi dividido em duas partes: uma parte teórica e outra prática. A parte teórica foi o estudo sobre a história da trigonometria, quem inventou o Teodolito, como era o primeiro objeto, a utilização das medidas obtidas. A parte prática representou a construção do Teodolito caseiro e o seu manuseio.

Materiais utilizados na construção do Teodolito caseiro

Um transferidor de plástico ou madeira.

Canudo transparente ou tubo de antena Cola Tachinha.

Pote redondo com tampa (copo requeijão ou iogurte ou semelhante).

Madeira ou papelão que coubesse o transferidor.

Tabela função tangente.

Arame de comprimento maior que o diâmetro do transferidor.

Montando o seu Teodolito

- Recorte o transferidor e fixe-o na madeira;
- Fure a parte superior do pote com o arame e deixe aparecendo igualmente dos dois lados;
- Cole o pote de cabeça para baixo no meio do transferidor;
- Fixe o canudo paralelamente ao arame em cima do pote.

Modo de uso

Posicionar o teodolito de modo que a sua base fique perpendicular ao objeto do qual vamos medir a altura. Medimos a distância do objeto até o teodolito com um metro. Usando um canudo, miramos o pico do objeto (o ponto mais alto), com isso o arame marcará um ângulo no transferidor. Com esse ângulo, usamos a trigonometria para medir a altura (tangente do ângulo é igual ao cateto oposto – altura -, dividido pelo cateto adjacente - distância do objeto ao teodolito).

Atividade 12 – Livro de Receitas

DISCIPLINAS: Língua Portuguesa e Química

PROFESSORES: Patrícia Gonçalves de Oliveira e Pablo Auda

Turmas: 7º B e C e 1º A

Em meados do mês de agosto de 2015, trabalhei com os estudantes dos 7º B e 7º C, tipologia textual e iniciei os trabalhos com Receitas Culinárias. Depois de abordar o assunto, explicar estrutura do texto, finalidade, tivemos a ideia, juntamente com os estudantes e coordenação pedagógica, de realizar um trabalho prático, no qual os estudantes e seus familiares pudessem participar ativamente do projeto.

Nasceu, então, o caderno de receitas “SABORES DO CAMPO”. Os estudantes selecionaram em casa com as mães, avós, tias, madrinhas, receitas típicas da região e também receitas tradicionais da família, já que temos descendentes de italianos, ucranianos e alemães. Essas receitas foram corrigidas e passadas para o professor Pablo Auda, que fez, juntamente com seus estudantes do 1º A (ensino médio), a tabela nutricional das mesmas. Vencida essa etapa, produziram um caderno decorado, para iniciarmos a reescrita das receitas. Cada estudante transcreveu no caderno a receita selecionada por ele, com a tabela nutricional. Os estudantes se dedicaram, estavam empolgados e felizes por trazerem ao conhecimento da comunidade escolar um pouco da sua cultura e tradição.

No mês de outubro, a escola promoveu a Feira, na qual pudemos expor nosso caderno de receitas, bem como os alimentos produzidos a partir delas, como bolos, doces, compotas, queijos e outros, saboreados pelos visitantes. Foi um banquete e um momento maravilhoso de aprendizado, confraternização e partilha na escola.

Figura 12 – Capa do Livro de Receitas elaborado pelos educandos do 7º ano



Fonte: arquivo da escola

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando permear as práticas pedagógicas numa abordagem interdisciplinar, que visa ao desenvolvimento omnilateral do educando, foram elencadas experiências pedagógicas realizadas por professores de diferentes disciplinas, com temáticas pertinentes à realidade do entorno da escola; contextualizando o saber popular e o saber científico, valorizando desse modo a cultura e a identidade dos sujeitos do campo, contemplando uma troca de saberes entre educadores e educandos.

No decorrer do processo, percebemos que construir uma escola do campo com características próprias, passa pela superação de diferentes projetos de sociedade; que indicam diferentes perspectivas e determinantes sociais. Gramsci (1978) destaca que a humanidade que se reflete em cada individualidade é expressão das múltiplas relações do indivíduo com os outros seres humanos e com a natureza.

Nessa perspectiva, o processo pedagógico, tanto no conteúdo, no método e na forma devem contribuir para que o educando possa superar a fragmentação dos conteúdos, garantindo o acesso ao conhecimento, na sua elevada universalidade; pensando a formação do humano, almejando a construção de mudanças em qualquer que seja seu espaço de ação.

Partindo desse princípio, quando se assume a escola como espaço amplo de formação humana, a abordagem pedagógica interdisciplinar deve ser entendida como um movimento social e político emancipatório que orienta a concepção dos conteúdos contemplando o que é significativo para o estudante.

O conhecimento não tem como ser produzido de forma neutra, tendo em vista que as relações que ele tenta apreender não são neutras. (FRIGOTTO, 2012)

Assim precisa recuperar os veios da educação dos grandes valores humanos e sociais: emancipação, justiça, igualdade, liberdade, respeito à diversidade, bem como reconstruir nas novas gerações o valor da utopia e do engajamento pessoal a causas coletivas, humanas; isto inclui uma reflexão sobre qual perfil do profissional de educação precisamos, e sobre como se faz esta formação.

Para Arroyo (1999), cabe à escola conhecer e interpretar os processos

educativos que acontecem fora dela, tomando por referência os saberes acumulados pelas experiências vividas pelos povos do campo nos movimentos sociais, nas lutas, no trabalho, na produção, na família, na vivência cotidiana, para organizar este conhecimento e socializar o saber e a cultura historicamente produzidos, viabilizando os instrumentos técnico-científicos para interpretar e intervir na realidade, na produção e na sociedade.

É tarefa específica da escola ajudar a construir um ideário que orienta a vida das pessoas, incluindo também as ferramentas culturais de uma leitura mais precisa da realidade em que vivem. Para construir esta visão de mundo, é necessário, em primeiro lugar, fazer o inventário das concepções que educandos e educadores carregam em si; para que se percebam como parte de um processo histórico, em relação ao contexto mais amplo, tanto no que se refere à articulação campo-cidade, quanto ao processo de desenvolvimento, de globalização, de lutas sociais, de construção de políticas públicas, de projetos de desenvolvimento sustentável, de reflexão política e da reflexão pedagógica sobre seu próprio processo de formação como sujeito.

Referências

- ARROYO, Miguel; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Por uma educação básica do campo**: a educação básica e o movimento social no campo. Caderno 2. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 1999.
- BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. RESOLUÇÃO CNE/CEB 1, DE 3 DE ABRIL DE 2002. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, 2002.
- _____. **Lei Nº 9795/1999** - Lei de Educação Ambiental - Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. 27/04/1999 - Publicação DOU, de 28/04/1999.
- CAMINI, Isabela. **Escola Itinerante – na Fronteira de uma Nova Escola**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação omnilateral. In: CALDART, Roseli Salete, PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo e FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**. RJ, SP: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- GRAMSCI, Antônio. **Obras escolhidas**. Tradução Manoel Cruz; revisão Nei da Rocha Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- MÈSZÁROS, I. **O desafio e o fardo do tempo histórico**: o socialismo no século XXI. São Paulo: Boitempo Editora, 2007.
- PISTRAK, M.M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

RAMOS, M. N. O Projeto Unitário do Ensino Médio sob os princípios do trabalho, da ciência e da cultura. In: FRIGOTTO, G. e CIAVATTA, M. **Ensino médio ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC, SEMTEC, 2004. PARANÁ. SEED. **Diretrizes curriculares da Educação do Campo**. 2 Ed. Curitiba: 2010.

_____. **Projeto Político Pedagógico**. Colégio Estadual do Campo Professora Maria de Jesus Pacheco Guimarães. Guarapuava, 2016